

## O martelo transvalorador

*The revaluative hammer*

Braian Sanches Matilde\*

**Resumo:** Em 1888, uma das principais propostas filosóficas de Nietzsche era a transvaloração de todos os valores. Todavia, que meio o filósofo se utiliza para isso? A partir da análise de *Crepúsculo dos ídolos*, cujo subtítulo é *como se filosofa com o martelo*, pretendemos mostrar que o martelo é o referido meio. Na medida em que o martelo é utilizado para o diagnóstico, para a destruição e para a construção, faremos ver que essas características o tornam instrumento para a transvaloração de todos os valores.

**Palavras-chave:** martelo, transvaloração dos valores, auscultação, destruição, criação

**Abstract:** One of the Nietzsche's main philosophical claim in 1888 was the revaluation of all values. However, which way the philosopher uses for this? From the analysis of *Twilight of the idols*, whose subtitle is *how to philosophize with the hammer*, we intend to show that the hammer is that way. Insofar as the hammer is used for diagnosis, for destruction and construction, we see that these characteristics make it a way for revaluation of all values.

**Keywords:** hammer, revaluation of all values, auscultation, destruction, creation

No último ano de produção filosófica, Nietzsche lança “uma grande declaração de guerra” (GD/CI, prefácio), conforme registrado em *Crepúsculo dos ídolos*. A guerra é justamente contra os ídolos: “ídolos velhos”, “eternos”, “convencidos”, “insuflados” e, mesmo assim, “os mais acreditados” (Ibidem). Mas, que método Nietzsche utiliza para diagnosticar os ídolos? Como ele se lança à guerra? Seria sua proposta apenas iconoclasta, ou a guerra acarretaria algum ganho valorativo?

O próprio subtítulo do último livro editado por Nietzsche nos oferece recursos para responder a essas questões: *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. A filosofia desse livro se desenvolve à marteladas. Essa ferramenta, por sua vez, possui diversas acepções. A primeira e mais imediata é a iconoclasta. Logo no prefácio de *Crepúsculo dos ídolos* a vertente corrosiva salta aos olhos quando Nietzsche

---

\* Mestrando pela Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. Contato: [braian.matilde@usp.br](mailto:braian.matilde@usp.br)

considera essa obra uma *grande declaração de guerra*: o martelo é usado contra a decadência, na luta contra aqueles ídolos eternos, e tem o objetivo de eliminar a velha noção de verdade. Não sem motivo, intérpretes de Nietzsche ressaltam esse aspecto do martelo e diferenciam esse livro dos demais<sup>1</sup>. Com efeito, não é pequena a probabilidade de que Nietzsche conhecesse a mitologia saxã e seu deus Thor, cuja arma era exatamente um martelo, o que torna viável considerarmos o martelo do subtítulo como marreta iconoclasta (Cf. Thatcher, *A diagnosis of idols*, p. 256-7). Essa ótica ganha mais consistência quando nos deparamos com as reprovações que o jornal *Der Bund* fizera a Nietzsche: enquanto o jornal atacava o filósofo designando-o como “dinamite”, Nietzsche transformou essa depreciação em elogio, passando a considerar a si próprio como dinamite: “Eu não sou homem, sou dinamite” (EH/EH, Por que sou um destino, §1). Por esses motivos, parece pertinente a interpretação demolidora do martelo.

Contudo, para a maioria dos intérpretes, esse não é o ponto de vista mais adequado. Outra maneira mais relevante de se pensar o martelo seria considera-lo como instrumento medicinal de diagnóstico<sup>2</sup>. Em uma primeira instância, Nietzsche pretende derrubar ídolos, como ele próprio exprimiu em *Ecce homo* (EH/EH, Crepúsculo dos ídolos, §1). O filósofo quer identificá-los e derrubá-los porque eles nos enganam com falsas concepções, opiniões e avaliações; em outras palavras, os ídolos contribuem para a enfermidade do ser humano. Nietzsche se posiciona, então, como médico da cultura para realizar um exame minucioso nessa doença, exame este que será realizado por meio de técnicas de percussão. O martelo, assim, é usado como um diapasão para auscultar o que há de oco no interior dos ídolos. O prefácio de *Crepúsculo dos ídolos* favoreceria o martelo medicinal, pois ele é usado para ouvir o “som oco” das “vísceras insufladas” (Cf. Thatcher, *A diagnosis of idols*, p. 261-266). Em outras palavras, a ferramenta encontra sintomas de decadência por trás de tudo aquilo que se venera. Em suma, pelas razões expostas acima, mesmo que sejam possíveis outras acepções, o martelo que ausculta parece ser a principal e mais relevante.

Outra maneira de se ler o martelo nietzschiano é através de sua vertente

<sup>1</sup> Kaufmann (*Nietzsche, philosopher, psychologist, antichrist*, p. 112) ressalta justamente o caráter agressivo do martelo nietzschiano. Montinari (*Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos ídolos*, p. 79), por sua vez, destaca *Crepúsculo dos ídolos* em relação ao *corpus* nietzschiano por seu caráter bélico.

<sup>2</sup> Não apenas Thatcher se debruça sobre essa perspectiva (p. 250-268), mas também Georgsson (*Nietzsche's hammer again*, p. 342-350) a complementa em seu estudo.

construtiva. Nessa vertente, a força conceitual do aparelho aparece quando se o julga como instrumento do minerólogo, o tridente (Cf. Montinari, *Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos Ídolos*, p. 79). Sob essa ótica, as características destrutiva e investigativa estão subordinadas à tarefa positiva: o minerólogo seleciona e separa com seu tridente aquilo que considera mais valioso, de modo que a acepção afirmativa do martelo ganhe destaque. Com efeito, outras três imagens indicam a vertente construtiva: o martelo seria utilizado pelo ferreiro, pelo escultor e pelo legislador<sup>3</sup>. Em outras palavras, as três referências indicam a elaboração de sentenças, isto é, a necessidade de se criar novas tábuas de valores mais duras, resistentes e saudáveis que as anteriores. Não sem propósito o primeiro capítulo de *Crepusculo dos ídolos* se chama *Sentenças e flechas (Sprüche und Pfeile)*. Enfim, se tivermos em vista essas perspectivas, então o caráter construtivo se demonstra indispensável ao martelo.

Nosso propósito até agora, ao averiguar o martelo nietzschiano, foi destacar a pluralidade de leituras acerca de tal ferramenta. Não pretendemos, com isso, restringir seu significado a apenas três acepções, mas destacar a auscultação, destruição e criação como procedimento filosófico indispensável a Nietzsche. Dessa maneira, pomos em questão se o martelo teria *uma* vertente principal subordinando as demais.

Para solucionarmos essa problemática, consideremos a análise sob outro ponto de vista. Uma das pesquisas acerca das diversas acepções do martelo expostas acima aponta que todas estas estariam presentes do mesmo modo na filosofia nietzschiana (Cf. Brobjer, *To philosophize with a hammer: an interpretation*). Mais especificamente, os significados construtivo, destrutivo e diagnosticador do martelo estariam subsumidos em outra expressão mais relevante, a saber: o *eterno retorno*<sup>4</sup>. Essa concepção foi baseada num póstumo de 1884, talvez um dos projetos para publicação de Nietzsche sob o título de “*O eterno retorno: uma adivinhação [Wahrsagung]*”, cuja quinta parte é: “A doutrina do eterno retorno como martelo na mão dos homens mais potentes, – – –” (NF/FP 27 [80] do verão – outono de 1884). De acordo com essa maneira de pensar, na medida em que tal cosmologia nos remete a infinitas repetições de nossa existência,

---

<sup>3</sup> Segundo Thatcher (*A diagnosis of idols*, p. 250-261), embora menos relevantes frente à auscultação, ainda assim é possível pensar o martelo como ferramenta construtiva devido a esses três usos do instrumento.

<sup>4</sup> De acordo com Brobjer (ibidem, p. 40), “o sentido mais fundamental da expressão é outro – um que simultaneamente é construtivo, destrutivo e diagnosticador – e um que é importante para nossa interpretação de *Götzen-Dämmerung [Crepusculo dos ídolos]* – o ‘*Götzen-Hammer*’ [*Martelo dos ídolos*] é o *eterno retorno*. Filosofar com o martelo é filosofar da perspectiva do eterno retorno”.

poderemos diagnosticar a nós mesmos: o gosto ou desgosto em pensar a própria vida repetida infinitas vezes indica o tipo de vida de cada um. Assim, por um lado, essa doutrina do eterno retorno esmagará os fracos, que negam a vida e sofrem com ela; por outro, conduzirá os fortes ao *amor fati*, pois poderão aceitar a própria vida e afirmá-la com ainda mais força. Pensar o martelo dessa maneira engloba, portanto, ao menos outras três hipóteses: a destrutiva, a do diagnóstico, e a construtiva. O próprio *Crepúsculo dos Ídolos* favorece essa leitura, tanto por apresentar as três vertentes ao longo do livro, quanto por ter seu encerramento remetendo à doutrina do eterno retorno.

Todavia, a leitura acima apresenta três pontos críticos. Em primeiro lugar, essa maneira de pensar se baseia num póstumo de 1884, quatro anos antes da elaboração do martelo utilizado no subtítulo de *Crepúsculo dos ídolos*. Nesse ínterim, o filósofo teria modificado seu pensamento a ponto de ser, no mínimo, duvidoso julgar a ferramenta dessa forma (Cf. Gerogsson. *Nietzsche's hammer again*, p. 343). Isso nos remete ao segundo ponto: se, por um lado, no fim do *Crepúsculo dos ídolos* o filósofo se refere à mencionada doutrina, por outro, nesse escrito não está clara aquela concepção de 1884; ou seja, é duvidoso pensar aquelas três vertentes do martelo subsumidas no eterno retorno. O terceiro ponto é sobre essa subsunção. Embora a vertente defensora do martelo enquanto eterno retorno critique a pretensão de uma característica do martelo se destacar em relação às outras, a mesma vertente nos apresenta o eterno retorno como o “sentido mais fundamental”, como tendo *status* superior àquelas características subsumidas (Cf. Brobjer. *To philosophize with a hammer: an interpretation*, p. 40).

O martelo de *Crepúsculo dos ídolos* terá, assim defendemos, outra significação. Sua imagem engloba, no mínimo, as três acepções levantadas acima, todas com semelhante peso, como vertentes ou características de um único todo orgânico<sup>5</sup>. Esse conceito orgânico, por sua vez, também não designa a cosmologia como sua essência, ele não é metáfora para a efetivação do eterno retorno no mundo. Antes, a ferramenta com a qual Nietzsche filosofa é um instrumento para o pensar, é uma metodologia filosófica; em outras palavras, o martelo é utilizado para levar a bom termo a proposta nietzschiana de 1888: transvalorar todos os valores.

---

<sup>5</sup> Entendemos que também Wotling (*Le Crépuscule des idoles, prélude au renversement des valeurs*, p. 103-113) pensa haver multiplicidade de significações no termo “martelo”, dado o intérprete ter levantado as vertentes destrutiva, diagnosticadora, construtiva e sua relação com a doutrina do eterno retorno em seu escrito.

O próprio *Crepúsculo dos ídolos* propicia esse posicionamento. Ao longo de todo o livro encontra-se o exame minucioso de ídolos através da auscultação e da avaliação, a grande declaração de guerra como tratamento brutal e destrutivo dos mesmos, e a proposta legisladora e construtora de novas tábuas valorativas. Nesses termos, o martelo é empregado em diversas acepções. Essa pluralidade de sentidos, por sua vez, estará conforme uma das estratégias do próprio filósofo. Essa estratégia é desenvolver pensamentos profundos sem recorrer à metodologia de praxe, qual seja, escrever longas e sistemáticas argumentações. Pelo contrário, se argumentar contra seu adversário não se demonstra eficaz para superá-lo, o filósofo busca a riqueza de conteúdo através da concisão, tal como lemos em seus aforismos, máximas, sentenças, etc. Ao menos, é dessa maneira que o entendemos ao lermos em *Incurões de um extemporâneo*: “O aforismo, a sentença, nos quais sou o primeiro a ser mestre entre os alemães, são as formas da 'eternidade'; minha ambição é dizer em dez frases o que qualquer outro diz em um livro – o que qualquer outro *não* diz em um livro...” (GD/CI, *Incurões de um extemporâneo*, §51)<sup>6</sup>. Seu método filosófico, com efeito, não seria pensar sistemas – tais como em Spinoza, Kant e Hegel –, mas sim problemas, o que, por outro lado, não significa contradição. Seguindo o espírito de sua época, o filósofo adota o experimentalismo: se houver um sistema na filosofia nietzschiana, será sempre o experimentar com o pensamento buscando problemas. Estes, por sua vez, não são os acadêmicos; o filósofo toma partido pela pessoalidade e pensa problemas que ameacem a vida do pensador. Recusar a linearidade do sistema permitiu ao filósofo a realização do pluralismo, possibilitando, assim, expressar em dez frases conceitos que um sistema não conseguiria.

Não só *Crepúsculo dos ídolos*, mas outras obras do período, como *Ecce homo*, também são favoráveis a essa leitura pluralista do martelo. Logo no prólogo, lemos que o principal intento de Nietzsche é “derrubar ídolos” (EH/EH, Prólogo, §2), mas isso não significa que o conceito de martelo se restrinja aí. No capítulo dedicado ao *Assim falava Zaratustra*, encontra-se mais um ponto que ajuda se a compreender melhor a empreitada: “Para uma tarefa *dionisíaca* é necessário, como condição decisiva, a dureza do martelo, o *próprio prazer no aniquilar*. O imperativo 'tornai-vos duros', a mais profunda certeza *de que todos os criadores são duros*, é o verdadeiro emblema de

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar, Kaufmann (*Nietzsche, philosopher, psychologist, antichrist*, p. 79-89) também utiliza essa mesma passagem para elucidar o método nietzschiano.

uma natureza dionisíaca. –” (EH/EH, Assim falava Zaratustra, §8). Com a tarefa dionisíaca nota-se a necessidade de dureza, tal como a de um martelo. Todo o epílogo de *Crepúsculo dos ídolos – Fala o martelo*, um trecho extraído de *Assim falava Zaratustra*, com pequenas modificações – remete a essa perspectiva. Ainda em *Ecce homo* encontramos a passagem essencial para pensarmos a aniquilação inseparável da criação. Escreve o filósofo: “Eu conheço o prazer no *aniquilar* em um grau que está conforme minha *força* de aniquilar, – em ambos eu obedeço minha natureza dionisíaca, que não sabe separar o fazer-não do dizer-sim” (EH/EH, Por que sou um destino, §2).

As obras de 1888 são fortemente marcadas por severos ataques à moral vigente, mas, mesmo assim, elas possuem, como alicerce, a vertente positiva. De forma irônica, nas duas primeiras seções de *O caso Wagner* as normas de saúde se opõem aos parâmetros modernos, de modo que a organização é pensada como a medida de avaliação. No primeiro capítulo de *Ecce homo* a práxis bélica acentua ainda mais a inseparabilidade das vertentes: ao mesmo tempo em que o filósofo se lança à guerra destruidora, ele cria leis para realizá-la. O *Anticristo*, talvez o livro mais agressivo do filósofo, tem suas primeiras seções exibindo a vertente positiva, a qual norteia o escrito; além disso, seu encerramento é a *Lei contra o cristianismo*, que embora absolutamente agressiva, é sobretudo uma nova tábua valorativa. Quanto ao *Crepúsculo dos ídolos*, todo seu primeiro capítulo são sentenças (*Sprüche*) expressas, assim como seu apêndice é o martelo legislador.

Esse mesmo martelo, na medida em que é ferramenta para a reflexão filosófica, também será utilizado para se transvalorar valores. Vejamos, *grosso modo*, o que é essa tarefa transvaloradora. Suposto que os valores vigentes são diagnosticados como nocivos e decadentes, torna-se necessária sua superação. Para que isso seja possível, não basta a mera inversão dos valores antigos; é preciso, isto sim, que se estabeleçam novas tábuas valorativas. Para tanto, examina-se os valores já estabelecidos, destroem-nos e criam-se outros.

Encontramos ao menos três argumentos para relacionarmos o martelo com o empreendimento transvalorador. Primeiramente, o *Crepúsculo dos ídolos* apresenta a referida tarefa logo no primeiro parágrafo de sua abertura (GC/CI, Prefácio), em seu centro (GD/CI, Os quatro grandes erros, §2) e em seu encerramento (GD/CI, O que devo aos antigos, 5), ou seja, a transvaloração de todos os valores marca o livro. E, na

medida em que o livro é uma forma de se filosofar com o martelo, parece-nos viável estabelecer íntima relação entre essa ferramenta e o empreendimento transvalorador. Em segundo lugar, a redação de *Crepúsculo dos ídolos* indica estreita relação com a transvaloração. Ao abandonar o projeto *A vontade de potência*, ganham vida o último livro publicado por Nietzsche e *O anticristo*, publicado postumamente. É nesse último que o filósofo leva a cabo a tarefa em análise, tanto que *O anticristo* passa do primeiro livro do projeto *Transvaloração de todos os valores* para a totalidade do empreendimento de mesmo nome. A partir da consideração de sua proveniência, podemos pensar que *Crepúsculo dos ídolos* e *O anticristo* – isto é, martelo e transvaloração de todos os valores – possuem profunda afinidade: o solo de onde surgiram é o mesmo e se incluem num único horizonte filosófico. Por fim, além desses dois livros, o abandono do antigo projeto permitiu igualmente emergir *O caso Wagner* e *Ecce homo*. Nesse último, também tendo sua publicação póstuma, o autor desenvolve uma filosofia cujo ponto de apoio é sua própria produção intelectual. No capítulo *Por que escrevo livros tão bons* ele desenvolve seu pensamento a partir de comentários de suas outras obras, desde *O nascimento da tragédia* até *Crepúsculo dos ídolos*. É nesta última que aparece *O anticristo* – ainda sob o título *Transvaloração de todos os valores*. Do fato de o filósofo ter apresentado uma obra no interior da outra nos revela a íntima relação entre ambas, o que, finalmente, também nos possibilita pensar o martelo e a transvaloração de todos os valores como indissociáveis.

Na busca pela compreensão dos significados que o martelo nietzschiano pudesse assumir, trouxemos à luz, em primeiro lugar, diversas perspectivas que analisaram com aptidão uma determinada característica dessa ferramenta, a saber, as perspectivas de Montinari, Thatcher e Georgsson. Porém, como tais pontos de vista privilegiam um sentido em detrimento dos demais, não nos detemos a eles e buscamos outro mais abrangente, qual seja, o de Brobjer. A colaboração desse último está em fazer ver que as diversas acepções do martelo são igualmente relevantes, contudo, essa ótica nos pareceu se equivocar ao subsumir o instrumento filosófico na doutrina do eterno retorno. Embora não excluamos essa doutrina do horizonte filosófico de martelo, não a vemos como algo que englobe suas características. Em vez disso, propomos entender o martelo de *Crepúsculo dos ídolos* como um instrumento do pensar, como uma ferramenta filosófica, como método nietzschiano para o seu empreendimento de transvalorar todos

os valores. Portanto, asseveramos que o filósofo se lança à transvaloração através do exame de ídolos eternos, de sua destruição e da criação de novas tábuas valorativas.

### Referências bibliográficas

BROBJER, T. H. To philosophize with a hammer: an interpretation. *Nietzsche-Studien*, Berlin, n. 28, 1999.

GEORGSSON, P. Nietzsche's hammer again. *Nietzsche-Studien*, Berlin, n. 33, 2004.

MONTINARI, M. Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos Ídolos. Trad. Ernani Chaves. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 3, 1997.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos Póstumos*. Org. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Trad. Juan L. Verma e Juan B. Linares. Madrid: Tecnos, 2006.

\_\_\_\_\_. *Crépuscule des idoles*. Trad. Éric Blondel e Patrick Wotling. Paris: Flammarion, 2005.

\_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 2000 (col. Os pensadores).

\_\_\_\_\_. *Sämliche Werke: Kritische Studienausgabe*. Org. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin/Munique: Walter de Gruyter & Co, 1999b. 15 vol.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo de los ídolos*. Trad. Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

\_\_\_\_\_. *Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe*. Berlin/Munique: Walter de Gruyter & Co./DTV, 1986. 8 vol.

\_\_\_\_\_. *Ecce homo: cómo se llega a ser lo que se es*. Trad. Andrés Sánchez Pascual. 8ed. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

THATCHER, D. S. A diagnosis of idols. *Nietzsche-Studien*. Berlin, n. 14, 1985.

WOTLING, P. Le Crépuscule des idoles, prélude au renversement des valeurs. In: *Crépuscule des idoles*. Paris: Flammarion, 2005.

Recebido em: 11/11/2013 – Received in: 11/11/2013

Aprovado em: 20/12/2013 – Approved in: 12/20/2013